PRODUÇÃO, LEITURA E COMPREENSÃO DO TEXTO SALA-DE-AULA

Rita de Cassia STADLER¹ (UTFPR)

RESUMO: Esta pesquisa objetivou investigar o processo de produção, leitura e compreensão do texto *Sala-de-aula*. O suporte teórico de Mikhail Bakhtin nos possibilitou reconhecer o *Sala-de-aula* como um texto polifônico, local de desvelamento de estórias. Por meio dessa pesquisa, verificamos que as condições para a produção, leitura e compreensão desse texto *Sala-de-aula* foram: o reconhecimento de cada ator presente em sala de aula como ser histórico e social; o respeito pela singularidade do outro e o reconhecimento que nenhum texto está acabado, mas continua a se produzir a cada leitura, a cada interação, a cada encontro.

Palavras-chave: linguagem, interação, texto.

ABSTRACT: This research aimed at investigating the production, reading and comprehension process of the text “Sala de Aula” (Classroom). The linguistic theory developed by Mikhail Bakhtin enabled us to see the text “Sala de aula” as “polyphonic”, the place where stories are told. We observed that the conditions for the, production, reading and comprehension of the text “Sala de aula” were as follows: the acknowledgement of each student in the classroom as a historical and social being; the respect for one another’s differences and, finally, the acknowledgement that no text is ever finished, but its production is an ever-lasting process that takes place in each reading, each interaction and in each encounter.

Key-words: language, interaction, text,

1. Introdução

Ao desenvolver minha² pesquisa de Doutorado, consegui realizar uma ação concreta que me possibilitou a compreensão do prazer de estar numa sala de aula: a ação de ler os textos ali presentes, ou seja, a leitura do professor e dos alunos enquanto textos recheados de significados produzindo o texto *Sala-de-aula*. Foi-me possível perceber por meio da observação, durante as aulas, os textos sendo construídos e outros se construindo, graças às interações-trocas-conflitos oferecidos por esse espaço, o qual, por sua particularidade, influenciou-me na escolha do título de minha tese: **Produção, leitura e compreensão do texto *Sala-de-aula***. Ao conceber a sala de aula como um texto em processo de construção, tenho consciência de que toda e qualquer produção-leitura-compreensão é parcial e não definitiva. O que pode ocorrer são algumas constatações, observadas no momento da construção desse texto, ou seja, no exato momento em que os autores estão interagindo-redigindo.

No início da pesquisa, objetivava detectar as causas das dificuldades discentes diante do ensino de Língua Portuguesa em uma turma de alunos de ensino médio repetentes do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná (CEFETPR). Para isso, desloquei-me da posição de professora para passar a ser apenas observadora do processo ensino-aprendizagem. Por meio dessa atitude e dessa posição privilegiada, objetivava ver melhor o ponto central do problema.

À medida que a investigação se desenvolvia, fui percebendo que, ao tentar descobrir as dificuldades apresentadas por alunos repetentes, eu me descobria. Minha prática era, por mim, questionada. A observação do cenário que se desenrolava à minha frente me fez reformular a pesquisa, a fim de buscar respostas para o que presenciava: alunos e professores numa harmoniosa interação. As críticas que ouvia sobre o ensino de Língua ali, naquele espaço, não se materializavam. Era necessário investigar o que favorecia esse ambiente propício para a aprendizagem, onde a todo momento se ouviam estórias, compartilhavam-se experiências, escreviam-se textos. Percebi que a sala de aula não era apenas um espaço, mas um texto em construção. Um

¹ E-mail: prstadler@uol.com.br

² Ao relatar a pesquisa, utilizarei a primeira pessoa do singular quando me referir, especificamente, a experiências e atitudes particulares. A primeira pessoa do plural se fará presente nos momentos em que meu “eu-professora” se aglutinar a meu “eu-pesquisadora” numa harmônica simbiose. O pronome “nós” também será utilizado quando envolver em minha fala o leitor-professor, chamando-o assim a compartilhar comigo, concordando ou discordando de meus posicionamentos, da minha leitura do texto *Sala-de-aula*.

texto tecido a muitas mãos. Meu desafio era, portanto, ler o texto ali produzido a fim de encontrar pistas que justificassem o dinamismo observado durante as aulas, o envolvimento dos participantes, a postura docente e a aprendizagem significativa que ali ocorria.

2. Homem linguagem: realidades inseparáveis

O homem é um ser que a todo o momento está a se comunicar, a transmitir significados, a buscar compreensão, a dialogar consigo e com os outros, numa interação incessante e necessária. Esse processo contínuo faz de nós, homens, seres particulares, uma vez que ao interagirmos, agimos, construindo-nos e desconstruindo-nos ininterruptamente. Duas proposições podem ser extraídas dessa afirmativa: a importância de cada um como elemento imprescindível no diálogo, e a fundamental importância do outro como sujeito denunciador de nossa condição de seres sociais.

Tais proposições reforçam a necessidade humana em estar sempre próximo do outro a fim de descobrindo o outro, descobrir-se. Essa descoberta só é possível pelo caráter dialógico da relação, porque a cada toque, a cada olhar, gesto, atitude, falamos, dialogamos. Descobrimos e somos descobertos. Esse descobrimento não está relacionado aos descobrimentos históricos, o interesse não é de “posse da terra”, mas sim de liberdade. Ao nos descobrirmos ou sermos descobertos pelos outros, libertamo-nos de nossa condição de indivíduo-solitário e passamos a nos perceber como coletivo e responsáveis também pela sociedade da qual fazemos parte e sobre a qual agimos. A descoberta de nossa importância remete-nos à tomada de atitudes, não solitárias, mas solidárias. A simples troca de uma consoante por outra, nessas palavras, provoca mudança ideológica radical. Ao nos descobrirmos como sociais, vemos a impossibilidade de nossa presença neste mundo sem a contribuição e colaboração do outro.

Embora possamos, em alguns momentos, estar fisicamente sozinhos, estaremos sempre em contato com o outro, “inclusive o pensamento é dialógico: nele habitam falantes e ouvintes que se interanimam mutuamente e orientam a produção de sentidos e enunciados” (SPINK, 2000, p. 46). Além disso,

essa orientação social do processo de individuação vai resultar na constituição social de sujeito, ou na visão sociológica do sujeito, contrapondo-se à ação mental orientada para o *eu*, de fundo psicológico e de classe para si, de cunho individualista, típico do sistema capitalista, que privilegia o *eu* individual ao *nós* social (FREITAS, 1999, p. 42).

A dinamicidade do processo de comunicação e construção do eu faz-nos reconhecer a importância do outro não como ouvinte passivo, mas como alguém que aceita esse nosso convite de produzirmos juntos o significado de nossa interação. Na verdade, é um chamar o outro para vir comigo à busca de significação, porque “cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja possui um acabamento específico que expressa a *posição do locutor*, sendo possível responder, sendo possível tomar, com relação a essa réplica, uma *posição responsiva*” (BAKHTIN, 2000, p. 294).

Essa posição responsiva só se torna possível graças à alternância de sujeitos no ato interlocutivo. Esse responder não significa concordar, ir ao encontro do pensamento do outro. Em qualquer local em que pessoas estejam interagindo por meio da linguagem, é ingênuo acreditar e desejar que se chegue sempre a um denominador comum, afinal, os pares na relação dialógica são ímpares. Por essas relações serem frutos de vivências sociais, históricas, não possuímos também domínio sobre os falantes, ou seja, não podemos direcionar o caminho do diálogo. Será comum, portanto, o surgimento de divergências, fato esse considerado normal por fazer parte de um fenômeno tão rico e imprevisível como a linguagem em uso pelos falantes em situações concretas. Estão aí presentes, relações de disputa, de aceitação, luta de classes, ideologias. *Sabemos trabalhar essa diversidade cultural em nossas salas de aula? Deixamos que ela se revele como resultado de interação que ocorre em nossas aulas?*

É exatamente por existirem divergências de pensamentos, de posicionamentos possibilitados pela linguagem que vamos nos tornando sociais. Quanto maior o número de divergências, de visões de mundo, mais iremos nos constituindo ideologicamente, recheados, permeados, influenciados por esses outros discursos que vão se incorporando aos nossos. Estamos, pois, a todo momento a nos constituir, como

os sujeitos se constituem como tais à medida que interagem com os outros, sua consciência e seu conhecimento de mundo resultam como ‘produto’ deste mesmo processo[...]. Também não há um sujeito dado, pronto, que entra na interação, mas um sujeito se completando e se construindo nas suas falas (GERALDI, 1991, p. 6).

Ao percebermos a natureza histórica e processual do homem, é impossível não nos remetermos ao local em que nossa pesquisa se realizou, ou seja, a sala de aula. E, nesse local, algumas questões apresentadas nesses parágrafos nos perturbam: *reconhecendo-nos como seres essencialmente comunicativos, estamos possibilitando aos discentes oportunidades para se manifestarem como tais; embora sejamos seres sociais, conseguimos visualizar cada aluno como ser único? Há espaço na sala de aula para a valorização do individual, como forma de garantir a socialização, uma vez que me reconheço por meio das interações com os outros? Se não há essa possibilidade, ou seja, o professor não favorece a interlocução, como esperar comportamentos sociais, atitudes de partilha e interação? Não estamos com nosso comportamento intimidando os alunos, ou melhor, esperando que todos ajam e reajam de maneira coletiva, ao invés de reagir de forma social? Não estaremos nós, professores, muitas vezes, no afã de ensinar, transmitir conteúdos, impossibilitando ao nosso aluno descobrir-se por meio do outro e com o outro produzir o conhecimento?*

Na sala de aula, cada um está ali e deve ser valorizado como único e não visto apenas como mais um número da chamada, mais um matriculado, mas um ser nascido num meio histórico e social específicos, sendo sua presença ali imprescindível para a constituição dele mesmo e dos outros que com ele compartilham tal espaço. Acreditamos ser dessa forma possível não mais encontrar em algumas salas de aula aquele aluno apático, geralmente num canto, solitário e indiferente a tudo o que ocorre em sua volta, como se sua contribuição no/para o grupo fosse dispensável.

Um aluno consciente de sua importância no contexto escolar é capaz de ir à busca de significados para que sua presença ali seja algo realmente significativo e produtivo, ou seja, assim como na vida, *estou vivenciando esse momento para me constituir como ser humano, visto que, a cada relação, acrescento novas experiências a outras tantas já vivenciadas.*

Percebemos a importância da escola e, especificamente, a importância nossa como professores e pessoas presentes em sala de aula como seres que a todo momento estão a se constituir. *Estaremos oportunizando essa cumplicidade? Vemos a relação dialógica presente na sala de aula como faísca ou ela já se extinguiu dando lugar a uma escuridão de onde só consigo me ver? Como a ponte está se materializando em minhas aulas? Sou capaz de fazer dela um elo entre falantes ou minhas atitudes favorecem um tráfego de mão única?*

3. Sala de aula: a primeira vez

Há trinta anos, numa tarde de outono, caminho alegre tendo segura em minha mão direita a pequenina mão esquerda de minha irmã. Como todas as tardes, no mesmo horário, atravessamos duas ruas, chegando ao local de destino: nossa escola. Para mim, aquele ritual era mágico, pois à tarde, eu não era mais uma aluna apenas. Eu levava a minha irmã à escola como se aquele ato me transformasse de uma simples aluna em alguém responsável e respeitável perante os pequenos alunos da tarde, afinal, eu já era aluna do ginásio. Essa posição hierárquica me conduzia pelos corredores como a flutuar por sobre os menores do primário.

Bate o sinal. Filas. Conversas. Poeira. E eu, estrategicamente, colocada à frente das filas. Sorriso de superioridade. Os professores nem me viam. A diretora, muito menos. Os alunos me olhavam. Eu me via. Queria que a entrada das filas durasse para sempre. A posição em que me encontrava era de destaque. E eu sabia que essa posição, em minha sala, eu não a possuía. Lá, eu era apenas mais uma apática aluna.

Entretanto, nesse dia, algo inusitado ocorreria. Todas as turmas entraram e a de minha irmã não. Lembro-me de seu olhar de desespero e frustração destoando de seu impecável uniforme azul marinho, saia plissada, camisa branca e gravatinha, tudo tão comportado e preparado para assistir à aula. Tudo preparado para aprender a ler e a escrever. Para minha irmã, aquilo não era permitido: não ter aula. Os olhos começam a marejar. De repente, a diretora solicita que entrem. Eu, no papel de irmã mais velha, acompanho-a. Um longo corredor... barulho de carteiras arrastadas... “Silêncio!... Agora sentem!...” “Não trouxe o caderno, professora!”. Professoras e alunos travando a batalha de quem fala mais alto... Chegamos. Todos correm para pegar os melhores lugares. Minha irmã, na primeira carteira. Malas sobre as carteiras. Pezinhos balançando como balanço de parquinho. Distância entre pés e chão. Olhos a olhar o espaço vazio, desocupado. Silêncio. Paro à porta. Não entro. Afinal, aquele espaço não era o meu. A diretora aproxima-se e pede: “Cuide deles até a professora chegar!” No momento, eu não imaginava a proporção e a importância que aquele pedido teria em toda minha vida.

Entrei. “Um pequeno passo, para uma grande conquista”. Coloquei-me no lugar até então desocupado. Fitei-os. Eles já me fitavam. E esperavam. O que esperavam? Para eles, eu era superior. Era do ginásio. Sabia mais. Estudava de manhã. Eles em silêncio, e eu, calada. Em meu íntimo só uma pergunta: o que faço, meu Deus? Apesar da dúvida, a posição me oferecia um prazer indescritível. Olhar os alunos todos sentados

e eu em pé, na altura de meus dez anos, era algo realmente poderoso. Depois de alguns minutos, saboreando esta posição hierárquica, resolvo fazer algo para assegurar o domínio, porque meus “súditos” já retiravam o material das mochilas sem que eu assim lhes solicitasse. De repente, sem muito pensar, ordeno: “Em pé!”. Todos juntos se erguem e isto me agradou deveras. “Vamos rezar!”, essa ordem e sugestão me vieram à mente ao vê-los perfilados a me olhar, não sei por que me lembrei de igreja... Rezamos ave-marias, santos-anjos, pais-nossos... Enquanto rezava, sentia-me muito bem, nem tanto pelo poder da oração, mas pelo meu poder de dominação: uma raquítica menina de nove anos dominando uma turma de trinta alunos de 1ª série. Sozinha! “Podem sentar!”, mandei. Enquanto eles se ajeitavam nas carteiras, olhava seus movimentos e pensava “a turma é minha”. Consigo sentir, até neste momento em que narro essa estória ocorrida há anos, a sensação que de mim se apossou, como extremamente agradável. Quando acabara de passar no quadro-negro A E I O U e iria iniciar outros “modelitos” de exercícios da época, os quais me garantiriam manter o domínio da turma, pois turma ocupada não conversa (estranho eu, como aluna na época, perceber isso), entra, para decepção minha e alegria da turma, a professora-regente. Era o fim. O ponto final de minha atuação. Agora que eu estava segura e gostando... “Obrigada, filha!”, dispensa-me, apagando meu exercício que os alunos nem tiveram tempo de copiar... Era o fim de minha primeira aula... de meu estágio não supervisionado...

Os momentos que passei naquele local foram inesquecíveis e hoje, analisando-os, vejo a importância de ter estado ali, numa sala de aula, como fator determinante de minha opção pelo magistério. Ainda agora, com vinte e um anos de profissão, este mesmo espaço exerce sobre mim fascínio como aquele de minha infância: ao mesmo tempo em que é meu local diário de trabalho, é também o lugar onde estabeleço relações com meus alunos, tornando-me sempre mais humana e proporcionando a mim e a eles a construção de nossa identidade como falantes da Língua e seres em constante evolução.

O espaço sala de aula é, para mim, prazeroso e instigante, uma vez que as possibilidades de relacionamento e histórias presentes nele são infinitas e inimagináveis. Talvez no corre-corre diário não se possa observá-lo e valorizá-lo em todo seu potencial. Entretanto, o espaço sala de aula quando vazio, nada representa. Nele devem estar presentes os atores - professor e alunos - porque sem eles, esse local, torna-se um simples cenário sem ação, sem vida, sem razão de existir, apenas um palco montado, sem espetáculo algum. Uma simples expressão sem significado, porquanto o significado de uma palavra ou expressão, segundo Bakhtin, é um processo de construção ininterrupto. O significado da expressão *Sala-de-aula*, para mim e para os envolvidos com o contexto escolar, está relacionado com nossa experiência verbal individual, enquanto sujeitos envolvidos na eterna corrente interativa de comunicação. E cada vez que eu utilizo essa expressão, na verdade, utilizo-a com expressividade particular, por estar carregada de história e ser resultado de múltiplas interações, em diferentes contextos, todos esses relacionados a um universo maior, ou seja, o universo *Escola*.

A importância dessa expressão, que qualifica meu local de atuação como professora, justifica-se pelo fato de toda palavra estar carregada de um conteúdo, ou seja, recheada de significados, esses só possíveis dentro de um enunciado concreto. Segundo Costa (In: ROJO, 2000, p. 77), sintetizando as palavras de Bakhtin, “a utilização da palavra na comunicação verbal ativa é sempre marcada pelo contexto e pela individualidade”. O contexto nos leva a selecionar expressões específicas a ele. A individualidade reflete as experiências particulares de cada pessoa na relação dialógica. Quando, portanto, os atores ali estão, tudo se torna possível. Tudo é vida. O interessante é que, ao penetrarmos nesse espaço, nós o alargamos, por sermos seres históricos. As fronteiras aí inexistem, porque nossa história nos acompanha antes de ali entrarmos e continua além do espaço-escola. Nossas histórias compartilhadas no espaço sala de aula são, na verdade, resultados de outras interações vivenciadas em outros espaços, com outros atores, em outras épocas. É a representação de nossa incompletude enquanto seres falantes, sociais em busca de significados para toda e qualquer relação. Ao participar de um diálogo, o outro é denunciador de minha condição social, humana. Preciso do outro e completo-me no e com o outro. Essa constatação avulta a sala de aula como espaço privilegiado para observação e efetivação da relação dialógica, tornando-o local de encontro de significados.

Vendo por essa perspectiva, compreendemos a complexidade de tal espaço e a importância e a necessidade de uma leitura desse local no qual todos os dias ingressamos, mas nem sempre o percebemos como fator determinante de nossas ações. Não é, entretanto, a simples ocupação do espaço “sala-de-aula” que o torna local privilegiado de interação e aprendizado. É necessário um constante diálogo no contexto escolar, a fim de que por meio da análise dessa relação, possamos evitar que o autoritarismo e a apatia aí predominem. Um relacionamento saudável e necessário para a ocorrência da aprendizagem poderá emergir dessa avaliação, descartando desse ambiente a indolência.

Após trinta anos de minha primeira vez como “professora”, minha visão sobre a relação professor-aluno, felizmente, não é mais a mesma, ou seja, o desejo de dominar, comum na infância, hoje não mais me acompanha. Não foi, todavia, uma mudança ocorrida no dia de formatura do magistério, após o juramento,

mas sim após anos em sala de aula nos vários níveis de ensino e após vários estudos e pesquisas relacionadas ao ensino de Língua Materna.

4. Sala de aula: a releitura necessária

Por um período de um ano, pude acompanhar essa turma de alunos repetentes. Esse estreito contato me favoreceu a visualização de cenas que, da posição de professora-regente, não me era possível deslumbrar. Agora, enquanto pesquisadora, via o que não enxergara em vinte anos de magistério. Era para mim, assustador e, ao mesmo tempo, instigante. Assustador porque comecei a analisar minha própria prática. Ao observar o professor regente, avaliava-me. O simples deslocar-me da frente da turma (posição do professor) para o final da sala (pesquisadora) ocasionou a aproximação com os alunos.

Ao olhar com mais atenção para o processo ensino-aprendizagem que se desenrolava à minha frente, observei que algo muito dinâmico estava ocorrendo e, pela primeira vez, acompanhei passo a passo a concretização da aprendizagem. Ao mesmo tempo em que interagiam - professor, aluno, aluno - ia-se trilhando o caminho necessário, e nunca solitário, da aprendizagem. Por meio da troca possibilitada pelo professor, alunos e professor se revezavam na tarefa de orientadores da aprendizagem.

Via desfilar perante mim, em todas as aulas, experiências vividas, compartilhadas por todos. A cada pergunta do professor, a certeza da resposta do aluno acompanhada quase sempre de exemplificações. O dinamismo percebido nessas aulas fazia-me, muitas vezes, esquecer-me de que se tratava de uma turma de repetentes, porque, como já afirmei, esperava encontrar ali grandes dificuldades com a Língua Materna e, assim, por meio da observação, coleta de dados e posterior análise elaborar estratégias que os auxiliassem. Isso não ocorreu. Desarmada de meu objetivo inicial, entreguei-me à contemplação do que ocorria naquela sala.

A cada encontro percebia a importância de ouvir o aluno e esse ouvir seus colegas e seu professor. Era como se a aula fosse se constituindo a cada interação, a cada encontro. Percebi que a cada aula se construíam textos, contavam-escreviam estórias. A cada encontro textos eram reescritos. Na verdade, todos eram um grande texto a se constituir ininterruptamente nesse local dialógico que é a sala de aula.

Verifiquei que toda a “agitação” ali presente era resultado da prática lingüística que “envolve, conseqüentemente dois participantes que se direcionam para o entendimento” (BASTOS, 1997, p. 5). Logo, o que se buscava em cada aula era a compreensão, por essa ser dialógica, ou seja, é uma relação de sujeitos na qual há desejo não apenas de conhecer quem é o outro, mas, principalmente, compreendê-lo.

Preocupada, portanto, em identificar esses processos de significação, e como resultado das observações colhidas nessa sala, elegi o “texto” como meu objeto de estudo. *Texto* aqui compreendido não apenas como produção escrita, mas como diferentes produções a se construir nas interações ocorridas em sala de aula. Meu objetivo inicial - identificar as dificuldades de aprendizagem dessa turma - foi substituído por ler o texto *Sala-de-aula*, a fim de buscar indícios para novas metodologias possíveis para o Ensino de Língua, partindo-se do que é produzido textualmente nas aulas de Língua Materna.

Percebi concretamente que compreender um texto é ser capaz de analisar a situação imediata que se apresenta, considerando seu momento histórico, observando o lugar em que o leitor se encontra e sua função. É necessário, durante todo o processo da produção da leitura, analisar criticamente minha posição diante do texto, minha história de leitura. Essa atitude favorece a reflexão e a crítica. Vemos nelas os pré-requisitos para o encontro de significados presentes num texto, pois a reflexão e a crítica nos obrigam a ir além do que está na superfície de um texto e a mergulhar em busca dos sentidos por sob as palavras.

Fundamentada nessa concepção de produção de texto e produção de leitura, dirigi meu olhar para o texto *Sala-de-aula*, considerando:

- seu caráter de incompletude enquanto “espaço aberto para”;
- os elementos - contexto, texto, escritor, leitor - numa perspectiva histórica social;
- a produção de texto e sua leitura como atividades simultâneas, o que possibilita o rodízio entre os elementos envolvidos nessa produção, ou seja, passo de escritor a leitor, de leitor a escritor, de texto a contexto, de contexto a texto, sem que, necessariamente, essa permuta seja prévia ou, regularmente, estabelecida;
- que a compreensão desse texto só será possível se for considerada sua natureza polissêmica;
- as particularidades desse texto devido ao contexto em que está sendo escrito (CEFET) e aos escritores (turma analisada) que contribuem para sua elaboração;
- o texto como espaço privilegiado de materialização da linguagem.

5. Considerações Finais

Segundo Faraco e Negri (1999, p. 158), a partir dos séculos XVII e XVIII, tendo sua gênese no Romantismo, a intersubjetividade vem ganhando espaço, como fator revelador da incapacidade humana de imaginar-se fora das relações com o outro. Assim, “a atividade intelectual começa a se abrir para a relevância da alteridade, da interação, da subjetividade social; e, por conseqüência, para um progressivo senso de que a apreensão e a compreensão do real passam sempre e necessariamente por processos interrelacionais.” Nesses processos, como nos alerta Bakhtin (1997), além da presença de cada falante, do subjetivismo imanente nesta relação, há também o social de cada um e de ambos e o objetivo da relação. Ao falarmos, selecionamos palavras, no jogo dialógico, objetivando a busca de significados.

Na turma pesquisada era isso que eu via/ouvia no texto a se produzir. Eram muitas as vozes. Muitas vezes não sabia quem era o professor, quem era o aluno. Ou seja, não estou destituindo o professor de sua função, o que verifiquei foi a inexistência, no momento da produção do texto *Sala-de-aula*, de um autor principal. Todos eram convidados especiais, sem os quais o texto não seria produzido.

Ao lermos o texto *Sala-de-aula*, lemos comportamentos. Eles revelam a caminhada de seres entre seres. Revelam experiências. Reportam fatos ocorridos em outros momentos sociais e históricos. Esses comportamentos reclamam leituras. São enigmas a nos desafiar. Nosso comportamento é a exteriorização de desejos interiores. Ao revelá-lo, revelamo-nos para o outro, aguardando que este possa nos auxiliar, caso contrário, por que nos desvelaríamos? O aluno ao se revelar, revela-se para seus colegas e para o professor. O que está sendo revelado? A leitura e a compreensão daquilo que é revelado a cada encontro numa sala de aula poderia nos auxiliar na compreensão do que ocorre ali, servindo de pistas, dados para restabelecermos “trajetos de leituras” que talvez nos apontassem algumas soluções para dificuldades apresentadas em sala de aula.

Assim, ao ler o texto *Sala-de-aula* era possível constatar a participação de cada um, uma vez que acompanhei as condições oferecidas pelo docente – o espaço para que cada um se manifestasse – e o desejo de participar dos discentes – graças aos temas abordados. Dadas as condições, produzia-se o texto, nesse contexto privilegiado para construção do *self*.

As condições para produção, leitura e compreensão do texto *Sala-de-aula* foram: o reconhecimento de cada um dos atores presentes em sala de aula como ser histórico; a presença indispensável de cada participante na produção do texto que se produzia; a presença constante do conflito no ato dialógico a fim de se produzir um *texto* resultante de muitas vozes; o respeito pela singularidade do outro e, conseqüentemente, minha carência de sua presença e colaboração no momento de minha construção; a importância da expressividade como reveladora de minha condição de sujeito-enunciador; a reconhecimento de que por trás do texto *Sala-de-aula* há outros já produzidos e que interferem na produção deste e o reconhecimento de que nenhum texto está acabado, mas continua a se produzir a cada leitura, a cada interação, a cada encontro.

O texto *Sala-de-aula* encontra-se produzido, mas não completo, pois no momento de sua leitura outro texto já se está construindo. Para sua compreensão é necessário considerar-se: o contexto em que foi produzido; seus autores; o leitor e o “texto”. Esperamos que as palavras presentes neste texto consigam expressar a dinamicidade da sala de aula observada, a qual é reveladora da alternância de interlocutores e ocasionada pelo respeito às experiências dos participantes. Esse texto, porém, não se finalizou. Ele prosseguirá sempre que estiverem presentes na sala de aula seus escritores com suas histórias.

Esse texto escrito a muitas mãos revelou-nos que temos tudo em nossas mãos para assumirmos nossa autoria: o papel (a sala de aula); a tinta (nossas vozes e de nossos alunos); o conteúdo (nossas experiências, histórias); os autores (nós e nossos alunos) e leitores (nós, os alunos, professores). *Vamos iniciar a produção, a leitura e a compreensão do texto Sala-de-aula?*

6. Referências bibliográficas

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8. ed., São Paulo: Hucitec, 1929/1997.

_____. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 3. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BASTOS, J. A. de S. L. A. Educação e tecnologia. **Revista Técnico-científica dos programas de pós-graduação em Tecnologia dos CEFETs. PR/MG/RJ**, Curitiba, ano 1, n. 1, jul. 1997.

FARACO, C. A.; NEGRI, L. O falante: que bicho é esse, afinal? In: **Revista Letras**. Curitiba, n. 49. Editora da UFPR, 1999. p. 159-170.

FREITAS, A. F. **O diálogo em sala de aula: análise do discurso**. Curitiba: HD Livros, 1999.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ROJO, R. (org.). **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. São Paulo: EDUC, Campinas: Mercado de Letras, 2000.